

Antero de Quental



Quando um homem já não pode ser útil aos outros nem a si próprio, deve desaparecer

Antero de Quental

Antero Tarquínio de Quental nasceu em Ponta Delgada, ilha de S. Miguel, nos Açores a 18 de abril de 1842 e morreu, por suicídio, na mesma cidade a 11 de setembro de 1891.

Era filho do liberal Fernando de Quental, que participara na expedição dos “7500 bravos do Mindelo”, organizada nos Açores por D. Pedro IV para ir combater em Portugal o absolutismo, e de Dona Ana Guilhermina da Maia, uma senhora muito devota que educou os filhos com grande preocupação religiosa.

Antero de Quental viveu a sua infância num ambiente social de amor à literatura, fomentado por António Feliciano de Castilho, que residiu em S. Miguel de 1847 a 1850; a 8 de agosto de 1852 parte para Lisboa para estudar no Colégio do Pórtico, de Castilho, mas regressa em 1853, continuando os estudos no liceu em Ponta Delgada.

Em outubro de 1855 parte de novo para Lisboa e depois para Coimbra, para estudar no Colégio de S. Bento. Depois de ter feito os estudos preparatórios, matricula-se em 1858 no 1º ano na Universidade de Direito. E foi na agitada cidade de Coimbra que se deu em Antero uma espécie de Revolução intelectual e moral, abalando a educação católica e tradicional e criando nele um estado de dúvida e de incerteza, como ele próprio diz, “Querida reformar tudo, eu que nem sequer estava ainda a meio caminho da formação de mim mesmo”.

Em dezembro de 1861, publicou o seu 1º livro, *Sonetos* e em 1863 vai a Lisboa ler o manuscrito de *Odes Modernas* a Herculano e a Castilho.

Em 1864, conclui o curso de Direito e em outubro de 1865 encontra-se em Coimbra, apesar da conclusão dos seus estudos. Em Janeiro de 1865, publica o opúsculo “Defesa da Carta Encíclica de Sua Santidade Pio IX” contra a chamada opinião liberal e em agosto publica *Odes Modernas*, provocando “um terramoto na velha cidade dos líricos”, como diz Camilo Castelo Branco, pelas ideias revolucionárias que continha. Neste mesmo ano, estourou a mais ruidosa polémica da história da literatura portuguesa, a Questão Coimbrã, como resposta a uma carta ao Autor, de Castilho, na obra *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas, na qual Antero de Quental, Teófilo Braga e Vieira de Castro eram referidos. Antero, na carta-panfleto “Bom Senso e Bom Gosto” responde ao velho árcade, assumindo o protesto num tom violento e dramático, atribuindo a Castilho o malefício da penúria das letras portuguesas. Pouco de pois, redige um novo opúsculo “A Dignidade das Letras e das Literaturas Oficiais”, no qual defende a missão moral e social do escritor, a virtude, a independência da alma e a dignidade do pensamento. Ramalho Ortigão entra também nessa polémica atacando Antero.

Em 1866, Antero vai para Lisboa, onde começa a trabalhar como tipógrafo na Imprensa Nacional, mas resolve depois ir para Paris, onde fica apenas os dois primeiros meses do ano de 1867. Regressa a Portugal, por motivos de doença, mas volta a Paris, acabando por regressar de novo para S. Miguel em agosto.

Em outubro de 1868, chega a Lisboa, onde funda o Cenáculo, do qual fizeram parte, entre outros, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, enquanto triunfava a Revolução Espanhola; mais tarde aceita o convite para ir trabalhar como jornalista em Madrid, defendendo a democracia e a união dos povos peninsulares.

Em 1869, viaja para a América do Norte e conhece Oliveira Martins, com o qual inicia a publicação do periódico “A República”.

Em 1871, organiza as chamadas Conferências do Casino, em Lisboa, das quais ele próprio faz a apresentação em 22 de maio de 1871; pouco depois, pronuncia a 1ª Conferência, “As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos Últimos três Séculos”, e outros oradores se seguiram, como por exemplo Eça de Queirós, mas a 26 de junho eram encerradas por portaria do Chefe do Governo. Em 1872, Antero foi para o Porto, onde publica *Primaveras Românticas*, colaborando com Oliveira Martins no Semanário “O Pensamento Social”; regressa em setembro a Lisboa e segue em 1873 para S. Miguel, onde se agrava o seu estado de saúde. Regressa a Lisboa para consultar

vários médicos afamados e é no Porto que o seu grande amigo Oliveira Martins o ajuda a publicar a sua obra poética. Regressa a S. Miguel e em julho de 1877 parte para Paris, onde se apaixona por uma mulher francesa, mais um tormento para a sua já agitada vida interior. Regressa em outubro de 1878, sempre em grande depressão.

Em 1881 publica uma coletânea de 28 sonetos e em setembro desse ano vai viver para Vila do Conde, onde se mantém até 1890. Este parece ser o período mais calmo e menos atormentado da vida do poeta, continuando a escrever, chegando mesmo a aceitar a Presidência da Liga Patriótica do Norte, destinada a combater a Monarquia, que viria a fracassar.

A 5 de julho de 1891 parte para os Açores e em S. Miguel a doença agrava-se. A 11 de setembro suicida-se com uma bala na cabeça, falecendo às 9h da noite no Hospital da Misericórdia.

Antero de Quental foi um humanista, um homem de carácter, sincero e bom; passou a vida a correr e a lutar por ideias que ele considerava as suas verdades; segundo as palavras do seu amigo Eça de Queirós, era “um génio que era um santo”.

O Palácio da Ventura

Sonho que sou um cavaleiro andante
Por desertos, por sóis, por noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota a armadura...
E eis que súbito o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
Abri-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão – e nada mais!

Antero de Quental, *Sonetos Completos*

Cidália Fernandes